

1º CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO GENERAL HUMBERTO DELGADO

Senhor Presidente da Assembleia
Senhores Membros do Governo
Senhores Deputados

No passado mês de Abril comemorámos mais um ano do 25 de Abril de 1974, dia a que tão justamente damos o nome de dia da LIBERDADE. O 25 de Abril deu a todos os Portugueses o poder para debaterem e decidirem em Liberdade o seu destino colectivo, após décadas de estagnação e isolamento.

É sempre bom lembrar que o percurso da Autonomia Regional coincide globalmente com o da democracia, a que o centralismo autoritário do Estado Novo sempre se opôs. Daí que qualquer paralelismo entre o antes e o depois de Abril, que alguns revisores da História se atrevem a fazer, seja não só imoral como desprovido de qualquer sustentabilidade factual.

Os saudosistas do passado ainda não estão bem conformados com a perda dos seus privilégios! Desta vez, o indício mais marcante é o de Alberto João Jardim que, na sua licenciosa arrogância, proibiu que no Parlamento Regional da Madeira se comemorasse esta data histórica. É triste. Lembremos, pois, ABRIL SEMPRE.

Se é nosso dever homenagear os capitães de Abril pela madrugada de esperança que nos trouxeram, também é nosso dever lembrar todos os que durante décadas de coragem e de dádiva pessoal, lutaram pela liberdade.

Senhor Presidente da Assembleia
Senhores Membros do Governo
Senhores Deputados

Como cidadão que viveu no seio de uma família perseguida pelo regime de Salazar, em que a PIDE era uma ameaça constante a todos aqueles que defendiam com coragem e lucidez, um Portugal livre, com maior justiça social, eleições democráticas e o terminar de uma guerra que estava a dizimar a juventude.

Por isso, sinto obrigação de prestar a minha singela homenagem a um homem de rara e forte coragem que deve constituir para todos nós um exemplo.

A luta que empreendeu pela liberdade, pelo desenvolvimento e pela dignificação do nosso País, fez dele um cidadão, que sem hesitação, sempre sacrificou os seus interesses, aos ideais de uma sociedade mais justa e ao bem estar do seu semelhante, apostado na mudança e na transformação da sociedade, num tempo em que, como sabemos, discordar era crime.

Apesar de humilhado e perseguido nada o impediu de defender as suas convicções e as reformas sociais necessárias para a dignificação do ser humano. Se durante os anos que decorreram desde a sua morte em 1965, até ao 25 de Abril cumplicidades várias procuraram que se esquecesse a figura de tão insígne homem, o tempo veio provar a razão que lhe assistia.

Senhor Presidente da Assembleia
Senhores Membros do Governo
Senhores Deputados

A 15 de Maio de 1906, nascia na pacata aldeia de Boquilobo, Torres Novas, uma criança a quem deram o nome de Humberto da Silva Delgado. Facto normal nas terras de Portugal. Mas o percurso de vida desta criança permite-lhe uma formação sólida como cidadão.

Após ter frequentado o Colégio Militar e a Escola do Exército onde se formou em Artilharia no ano de 1925, conclui o curso de Oficial de Piloto Aviador em 1928.

O seu brio profissional e a sua qualidade no desempenho de funções em organismos internacionais destacam-no na vida política.

Consciente das fragilidades da ditadura política vigente, das condições de miséria da vida do Povo Português e do medo instalado pelo regime do Estado Novo na sociedade portuguesa, toma uma posição cívica em defesa dos mais fracos, contra a ditadura, pela Defesa da Liberdade de Pensamento e Acção.

Estávamos nos anos 50, tempos muito difíceis para o Povo Português, que travou uma luta por melhores condições de vida, contra a falta de liberdade de pensamento e expressão, contra a existência de Censura e contra a impossibilidade de reunião.

O povo português perante este estado de coisas, mobiliza-se e participa em movimentos massivos que integram jovens, mulheres, homens, crentes e não crentes.

O General Humberto Delgado, “**general sem medo**”, como foi designado, em 1958 encabeça este movimento, aceitando ser candidato a Presidente da República em oposição ao candidato do regime totalitário, Almirante Américo Tomás.

De Norte a Sul, do litoral ao interior, a mobilização popular em torno de Humberto Delgado e do seu ideário teve uma dimensão tão elevada que o regime totalitário deu ordens para alterações de percursos da campanha do “general sem medo”, policiou intensamente os locais onde os comícios ocorriam, proibiu comícios, mandou prender cidadãos, isto é, criou um clima de terror generalizado.

A esta intimidação resistiram os milhões de portugueses que, fiéis ao general Humberto Delgado, nele votaram, obrigando o sistema político vigente a falsificar os resultados das eleições dando a vitória ao Almirante Américo Tomás. O Governo de Salazar, consciente da dimensão da falsificação e por não querer reconhecer a existência destas eleições, nunca mandou publicar os referidos resultados no Diário do Governo e nos arquivos do Supremo Tribunal de Justiça.

Aproveito para vos ler uma carta que Humberto Delgado escreveu a Américo Tomás depois deste ter tomado posse como Presidente:

“ Lisboa, 23 de Junho de 1958

Ex. Sr. Almirante Américo Tomás

Num país civilizado e democrático de eleições livres, eu teria enviado a V.^a Ex.^a um telegrama de parabéns pela vitória nas eleições... Sucede, porém, que eu fui violentamente roubado nas eleições, além de perseguido e vexado... Por isso muito lamento que V.^a Ex.^a se decida aceitar um cargo obtido por aquela forma.

Porque talvez V.^a Ex.^a desconheça, traduzo do NewYork Times de 10 do corrente: “ O General Humberto Delgado, é claro, perdeu por uma larga maioria a favor do candidato escolhido pelo ditador e Primeiro-ministro, António Salazar. O nome do vencedor é, por acaso, Almirante Américo Tomás, mas isso não tem qualquer importância. Ele não terá qualquer poder e o Dr. Salazar podia da mesma forma ter escolhido o polícia de trânsito mais à mão.” fim de citação.

Este passo dá ideia do que no estrangeiro se pensa da farsa das eleições e da função que a V.^a Ex.^a atribuem como Presidente da República eleito por aquela forma, afrontosa da dignidade humana.
A bem da Nação,

Humberto Delgado, General”

O regime de Salazar não parou a perseguição ao General Humberto Delgado. É no exílio, desde 1959, que a PIDE, polícia política, persegue o “general sem medo” de tal modo que, a 13 de Fevereiro de 1965, mata-o em Badajoz, após o ter atraído a uma cilada.
Humberto Delgado foi promovido a Marechal da Força Aérea. Em 1990 a título póstumo, os seus restos mortais foram trasladados para o Panteão Nacional.

A criança nascida na pequena aldeia de Boquilobo faz parte da nossa História, faz parte da Libertação do Povo Português, por isso é minha obrigação, com esta minha intervenção, lembrar nesta Assembleia Legislativa Regional dos Açores, o I Centenário do nascimento “**general sem medo**”, General Humberto Delgado, que teve lugar no dia 15 de Maio de 2006.
Como democrata quero agradecer a todos os que lutaram pela liberdade e democracia deste nosso País, desta nossa Região. A eles o meu muito obrigado.

Disse.

Horta, Sala das Sessões, 30 Junho de 2006
O Deputado Regional
Nuno Amaral